

ESTUDANTES REFUGIADOS REINGRESSAM À UNIVERSIDADE NO CURSO DE BIOMEDICINA DA UFPR

Por: João Cubas

Os estudantes haitianos Chrisner Basquin e John Wesley Saint-Fleury têm uma trajetória bem diferente da maioria dos estudantes da UFPR.

Eles vivem no Brasil sob a condição de refugiados e tiveram a oportunidade de ingressar à instituição graças ao Programa "Política Migratória e Universidade Brasileira" e desde o início do ano cursam Biomedicina.

Apesar de terem estudado na mesma faculdade de Medicina na República Dominicana, os dois têm histórias bem distintas de suas chegadas ao nosso país.

Chrisner está no Brasil desde 2014. Ele vivia em Xaxim, Santa Catarina, onde trabalhava como auxiliar de produção, quando soube da oportunidade para estudar na UFPR.

"Trouxe meus documentos e voltei, pois não tinha amigos nem parentes por aqui", conta ele, que no Brasil tem apenas uma irmã, que hoje vive em São Paulo.

Já John Wesley mora há quase quatro anos no Brasil. Viveu em Belo Horizonte e Rio de Janeiro antes de vir para Curitiba.

"Eu sempre quis viajar pelo mundo, mas aqui tenho certeza que é o meu destino final", relata o estudante, que é casou-se há poucos meses com Michaele, que também veio do Haiti para cá em busca de oportunidades.

São várias as dificuldades enfrentadas por Chrisner e John, sejam de caráter acadêmico, social ou emocional. Muitas vezes eles têm o conhecimento sobre as disciplinas, mas a dificuldade com a língua portuguesa os prejudica nas avaliações.

Por outro lado, há o fato do curso de Biomedicina oferecido aqui ter conteúdos mais aprofundados do que o curso estudado por eles anteriormente.

"O curso que fazemos aqui é mais pesado, então vai demorar um pouquinho para nos adaptar totalmente", conta Chrisner.

"Eu comecei um semestre bem focado. Devido a problemas familiares, acabei vindo só por vir. Cheguei até a pedir desculpas para alguns professores", relata Saint-Fleury.

Os desafios de aprendizado e os problemas externos não são empecilho para que eles avancem nos estudos. Nesse sentido, a coordenadora do Curso, Professora Katya Naliwaiko, conta que eles contam com todo o suporte para não desanimarem nesta jornada.

"É importante ressaltar que eles estão numa condição muito adversa. O nível de exigência não é só pelo curso, mas pela realidade de vida, que é muito ampliada".

Prova do que a docente fala se expressa no dia a dia de John Wesley. Após um dia

inteiro de aulas na UFPR, ele ainda trabalha em um restaurante no período noturno para poder se manter.

"Se não fizermos o movimento e nos colocarmos no lugar do aluno, de lembrar todo dia das dificuldades pela qual eles passam, não conseguiremos nos adaptar", completa a coordenadora.

Para o próximo ano, Katya propôs a formação de um grupo de estudos, com a participação dos outros alunos do curso, como uma forma de reforço.

Juntamente com Vanessa Lucas, secretária da coordenação até o início deste semestre, ela os ajudou na composição da grade horária, para que eles pudessem ter

aproveitamento mesmo com algumas retenções no currículo.

"A gente vê a dedicação deles e o esforço. Por isso, nos voltamos não só a um atendimento acadêmico e administrativo, mas também a ter um carinho, um cuidado, abrir espaço para conversarmos".

Os estudantes agradecem toda a ajuda e acolhimento que recebem dos colegas e professores e já fazem planos para o futuro.

"Temos que viver as coisas para tomar gosto. Estou ingressando numa área bem legal, relacionada a pesquisas. Por isso sinto que vamos nos dar muito bem", sintetiza Chrisner.



Katya, Chrisner, Vanessa e John Wesley. Foto - ASPEC

Perfil: Nicolau Gregori Czezko

Por: Jessica Luz

Apesar de nascido em Ponta Grossa, o professor Nicolau Gregori Czezko se considera um autêntico curitibano, pois vive aqui desde os seis anos de idade.

Seus pais, vindos da Ucrânia após a segunda guerra mundial, o incentivaram a seguir a carreira médica.

Assim, formou-se em 1978, pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR). Fez a seguir dois anos de residência em cirurgia geral.

Em 1981 começou a trabalhar na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), onde trabalhou por quase 10 anos e fez a sua especialização em Docência Superior.

Sua história na UFPR começa no mestrado, quando ele foi um dos alunos da Pós-Graduação em Morfologia, que hoje faz parte do Programa de Pós-Graduação em Biologia Celular.

Na época, o tema da sua pesquisa era sobre suturas esofágicas e realizou a sua dissertação de mestrado com um trabalho experimental em cães.

Em 1985 foi aprovado em primeiro lugar no concurso do Departamento de Anatomia. Concluiu o seu doutorado no Programa de Clínica Cirúrgica da UFPR em 1993.

Atualmente no Departamento de Anatomia desde 1986, Nicolau já lecionou para diversos cursos: Medicina, Fisioterapia, Farmácia, Odontologia, Educação Física.

"Os alunos são fantásticos, eles chegam com uma ansiedade de conhecimento. Ansia de quererem abraçar o mundo e você tem que orientá-los..." Czezko também membro do colegiado do Programa de Pós-Graduação de Princípios da Cirurgia, na Faculdade Evangélica do Pa-

raná, no qual atua desde o início das atividades, em 1994 e que já formou cerca de 230 mestres e doutores.

O reconhecimento por tantas contribuições veio com a indicação para ocupar a cadeira 29 da Academia Paranaense de Medicina em 2005.

Czezko também será o próximo presidente (2017-18) do Colégio Brasileiro de Cirurgia Digestiva, do qual participa desde 2009 na Diretoria Nacional.

Nicolau é casado desde 1979. Com a esposa Sarah, teve três filhos (o advogado Nicolau Gregori Filho e os médicos Alexandre Eduardo e Letícia Elizabeth) e é avô de três netas.

Mesmo com tantas atividades, ainda consegue cultivar uma paixão: as partidas de tênis. "Eu gosto muito de atividades esportivas, pois consigo relaxar um pouco. Esse é o esporte que eu mais gosto e é o único que eu pratico".

Depois de 30 anos de trabalho na Universidade, Nicolau está aguardando a regulamentação para pleitear o título de professor titular.

Durante o processo, terá a oportunidade de expor aos colegas um pouco mais desta história de importantes contribuições para estudantes, pesquisadores e pacientes.

Mas se engana quem pensa que ele pode parar. "O cargo de professor titular impõe responsabilidades maiores. Você deve tentar ajudar cada

vez mais o Departamento de Anatomia a ser um condutor de conhecimento adequado aos alunos que estão sob nossa responsabilidade".

Saiba Mais!

Confira outros detalhes da história do Professor Nicolau no vídeo disponível no site www.bio.ufpr.br



PESQUISA ANALISA A RELAÇÃO ENTRE SESTA E COGNIÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Por: Jessica Luz

O Laboratório de Cronobiologia Humana foi fundado em 2002, no Departamento de Fisiologia da UFPR. Hoje, a unidade é coordenada pelo Professor Fernando Mazzilli Louzada e nela trabalham estudantes de mestrado e doutorado em Fisiologia, além de alunos de iniciação científica dos cursos de Biologia, Biomedicina, Medicina e Psicologia.

As linhas de pesquisa estão relacionadas ao sono e à cognição, as diferenças individuais no ciclo vigília/sono e a relação deste com o uso de mídias, estresse relacionado ao estudo e outros fatores que interferem no descanso.

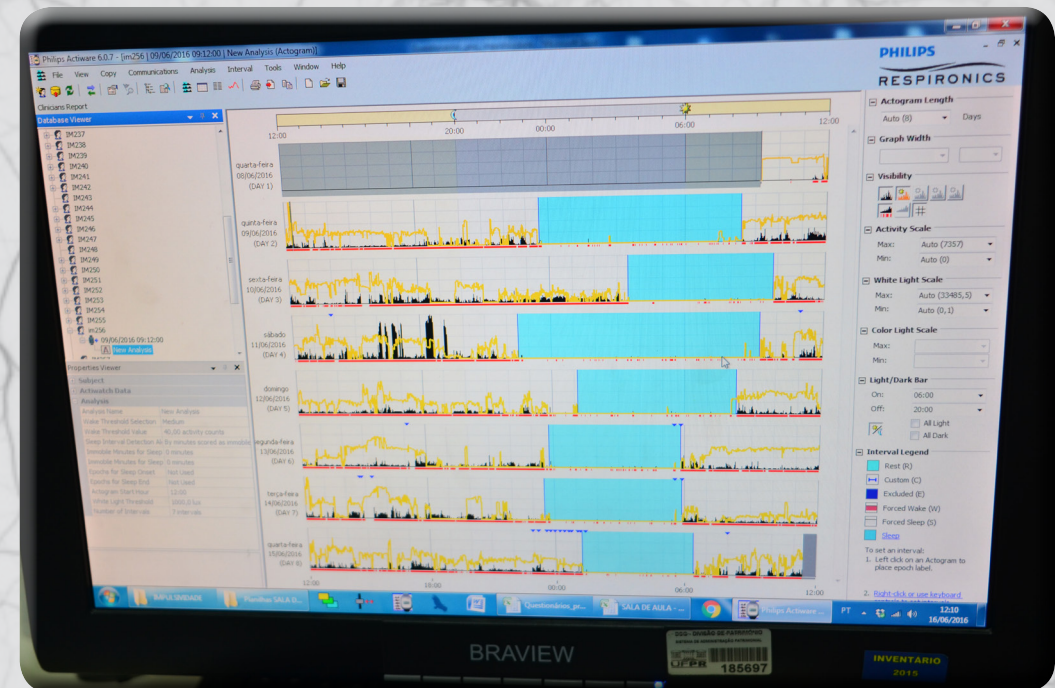
É neste contexto que os doutorandos Jefferson Santos e Thais Schaedler estão concluindo uma pesquisa que busca verificar a importância do sono no comportamento impulsivo de estudantes universitários.

Para isso, foi realizado um experimento em duas etapas. Na primeira, os voluntários, sem nenhum distúrbio aparente de sono, usaram durante sete dias um actímetro – um aparelho com aparência semelhante a um relógio, capaz de monitorar o padrão do sono e da vigília por meio da movimentação.

Passado este tempo, eles foram até o laboratório onde puderam realizar uma sesta, com duração de 90 minutos, monitorada por uma polissonografia - exame que permite a identificação das fases do sono, por meio de eletrodos fixados na cabeça.

Foram feitos ainda alguns testes cognitivos, como testes de atenção, antes e depois da sesta, com o acompanhamento dos pesquisadores.

"O sono tem inúmeras funções e é isso que a gente tenta avaliar aqui quando estuda a população sem nenhum distúrbio. Quais são as vantagens de ter uma boa noite de sono? Uma hora de cochilo pode ajudar no desempenho acadêmico? Entender isso é muito importante para desvendarmos a função do sono na população saudável", explica Thais.



A tela mostra a atividade feita durante o uso do actímetro. As barras azuis indicam o período de sono, sem movimentação.

A estudante de Design e estagiária da ASPEC Luana Weldt, 21 anos, esteve entre os 156 estudantes que participaram do experimento. "No último dia com o actímetro, tive que dormir três horas a menos. Nos testes feitos durante a tarde, eu estava bem cansada, não conseguia raciocinar direito. Mas depois do cochilo, eu acho que minha concentração melhorou um pouco".

Segundo Jefferson, "em algumas situações em que a pessoa precisa tomar algumas decisões, ou quando está em frente a um risco, um desafio ou problema, ela precisa de diferentes recursos cognitivos. Estas fontes funcionam melhor quando a pessoa consegue ter uma boa noite de sono".

Enquanto analisam os resultados obtidos, os pesquisadores já planejam os próximos estudos que pretendem realizar.

Thais irá trabalhar em escolas, com crianças de 6 a 11 anos de idade, estudando os efeitos do sono na consolidação da memória e como isso varia na faixa etária.

Jefferson continuará o enfoque no grau de privação do sono de alunos de Graduação, comparando uma situação de privação, durante os dias letivos, e uma situação na qual não há privação de sono, as férias.



Para o experimento, são colocados eletrodos na cabeça em pontos específicos, conforme o modelo.



A estudante Luana Weldt em repouso durante o experimento.



O Professor Fernando Louzada (à direita) com a equipe do Laboratório de Cronobiologia da UFPR. Fotos - ASPEC

Estresse Pós-Traumático:

Conheça alternativa de tratamento que pode atenuar sintomas da doença

Por: João Cubas

O transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) pode acometer indivíduos que passaram por abusos sexuais, assaltos, perdas familiares, entre outros problemas.

Estas pessoas respondem às sensações de tristeza, dor ou pânico com mais intensidade, em virtude dos traumas vividos.

Para entender a formação desta memória e como atenuar o transtorno, a Professora Cristina Aparecida Jark Stern, do Departamento de Farmacologia da UFPR, pesquisa um modelo de reconstrução de memória aversiva - um mecanismo que o Sistema Nervoso Central tem de manter a memória existente, inserindo novas informações ao longo do tempo.

Com o uso de medicação, a memória que causa o TEPT pode ser atenuada e o paciente pode ter uma melhor qualidade de vida.

Em um trabalho publicado recentemente, Cristina testa o uso das duas principais substâncias canabinoides, que são encontradas na maconha – o THC e o canabidiol - a fim de atenuar a memória.

"A terapia que existe hoje não altera a intensidade da memória, aliviando somente os sintomas, como a ansiedade, por exemplo", explica Stern.

Para verificar a ação dos canabinoides, foram feitos testes em laboratório com ratos, que foram expostos a uma situação de estresse, com a devida aprovação do Comitê de Ética da UFSC, onde foi realizada a pesquisa.

Primeiramente, os ratos foram colocados em uma caixa, na qual receberam pequenos choques e, então, retirados novamente para suas gaiolas.

No segundo dia, foram postos novamente na caixa, porém, sem os choques. Neste retorno, a sensação de medo os deixava imóveis dentro da caixa, caracterizando o TEPT.



Professora Cristina Aparecida Jark Stern. Foto - ASPEC

Cristina percebeu que a reconstrução da memória pode ocorrer logo nos primeiros minutos após a situação de estresse.

Por isso, numa segunda amostra, os ratos receberam uma única dose de THC, em quantidade que não traz efeitos colaterais, administrada logo após a saída da caixa de choque.

Novos retornos à caixa aconteceram em três dias, depois em uma semana, e ainda em um mês depois da medicação. Em nenhum destes períodos, os ratos voltaram a apresentar o comportamento de medo.

Outro teste fez uma associação do THC com o Canabidiol, em quantidades que individualmente não trariam efeitos sobre a memória.

Estes compostos foram administrados em conjunto nos ratos, no mesmo momento em que o teste anterior.

Os resultados apontaram também o efeito duradouro sobre a reconstrução da memória.

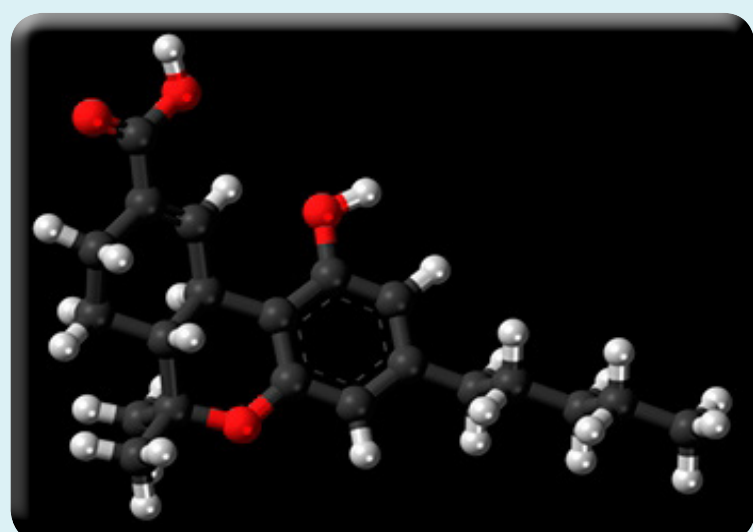
Cristina explica que esta associação já é comercializada em países no exterior, como um medicamento para pacientes de esclerose múltipla.

Docente da UFPR desde o mês de abril, Cristina pretende prosseguir com estas pesquisas no Departamento de Farmacologia.

"Já há outros trabalhos aqui que pesquisam os efeitos nos canabinoides, mas sobre a memória iremos começar a partir de agora, trazendo o que já pesquisamos anteriormente e com associação com outras instituições", explica Cristina, que trabalhou neste e em outros trabalhos com a UFSC e com a USP de Ribeirão Preto.

Sobre o acesso destas substâncias com fins medicinais, Cristina acredita que os avanços das pesquisas podem acelerar o processo de liberação por parte dos órgãos reguladores.

"Por isso, acredito que resultados como estes reforçam a importância e podem trazer progressos mais rapidamente".



Estrutura de um canabinoide, cujos efeitos são investigados em ratos que sofrem de TEPT. Foto - divulgação